

VIAGENS INTERNACIONAIS DE SANTA CATARINA: O COMPORTAMENTO DAS RECEITAS GERADAS POR TURISTAS ARGENTINOS

Beatriz Tamaso Miotto¹
Roberto Meurer²

Resumo:

O turismo em Santa Catarina tem se destacado não só como uma atividade de importância do estado atualmente, mas também como uma aposta para melhorar o seu desenvolvimento econômico. Os aspectos que influenciam essa atividade podem ser qualitativos e quantitativos, sendo que os primeiros não serão analisados nesse trabalho, mas também apresentam bastante relevância na decisão dos turistas por que destinos escolher. Nessa perspectiva, o estudo das variáveis macroeconômicas que influenciam a vinda de turistas argentinos e as receitas geradas por esse movimento é importante. Isso se torna mais relevante à medida que estudos como esse podem auxiliar no planejamento das atividades do setor público e privado. A escolha da Argentina como país emissor de turistas foi feita porque os argentinos representam em média mais de 80% do fluxo de turistas estrangeiros para Santa Catarina. A análise proposta será feita, basicamente, através da observação de gráficos que relacionam a taxa real de câmbio entre o Brasil e a Argentina e a variação real do PIB argentino, com o número de turistas argentinos que chegam no país e as receitas reais geradas. As relações traçadas entre as variáveis serão comparadas aos resultados esperados do marco teórico utilizado – uma relação positiva entre taxa de câmbio real e número de turistas e receita real; e, da mesma forma, uma relação positiva entre a variação real do PIB e tais variáveis. Nesse contexto, pudemos verificar resultados coerentes entre os dados apresentados e os pressupostos teóricos, comprovando a influência das variáveis citadas na demanda turística do estado.

Palavras chave: variáveis macroeconômicas; turistas argentinos; Santa Catarina

1. Introdução

O presente trabalho busca traçar uma relação entre as receitas das viagens de argentinos para Santa Catarina e seus determinantes macroeconômicos. Essa análise será feita a partir de 1987, o ano em que as pesquisas passaram a se realizar no período entre janeiro e fevereiro de cada ano. Isso é importante considerar porque esses meses do ano apresentam o maior fluxo de turistas para o estado e caracterizam uma sazonalidade na atividade turística, oriunda principalmente dos atrativos naturais do litoral catarinense.

Acreditamos também que o comportamento das variáveis associadas à Argentina pode ajudar a entender a questão das viagens internacionais para o estado, uma vez que os turistas argentinos representam em média 80,74% dos estrangeiros que entram em Santa Catarina. As variáveis macroeconômicas que possivelmente podem explicar o fluxo desses

¹ Graduanda do curso de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista de iniciação científica (Cnpq/PIBIC/UFSC) – (bea.miotto@gmail.com).

² Professor do curso de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina – (meurerroberto@yahoo.com.br)

turistas para o estado e as receitas totais geradas são: a taxa de câmbio real (entre o real brasileiro e o peso argentino) e a variação real do Produto Interno Bruto (PIB) da Argentina.

Considerando que as variáveis macroeconômicas influenciam o comportamento dos viajantes e que a atividade turística tem grande importância na dinâmica econômica do estado, o conhecimento dessa inter-relação pode ajudar no planejamento do setor público e do setor privado que participam dessa atividade. Nesse aspecto se destaca principalmente a possibilidade de construção de cenários alternativos (MEURER, 2006).

O estudo será realizado através da análise gráfica da evolução das variáveis no tempo. O trabalho apresenta quatro seções, sendo a primeira esta introdução. A segunda trata da perspectiva teórica do assunto e dos dados utilizados, traçando as relações esperadas entre as variáveis. A terceira seção é a análise gráfica dos dados e suas relações com os cenários econômicos dos países. Por fim, a última seção faz algumas considerações acerca dos resultados do trabalho.

2. A relação entre as variáveis e os dados utilizados

Da perspectiva microeconômica o turismo é considerado um bem como outro qualquer. É por isso que podemos avaliar a atividade turística como dependente de fatores de demanda e de oferta. Os fatores chamados de oferta são: os recursos naturais, os aspectos culturais, o clima, equipamentos, infra-estrutura, etc. A demanda, por sua vez, é função do nível de renda, dos custos de transporte, dos preços dos bens e serviços do país receptor, bem como dos destinos substitutos e do câmbio. Os aspectos qualitativos também fazem parte da escolha, que pode ser influenciada pelo marketing e propaganda de um país ou mesmo pelas agências de viagens, considerados intermediários entre a demanda e a oferta das viagens (VARISCO, 2003).

Nesse contexto é importante salientar as relações esperadas entre os principais determinantes da demanda turística e o comportamento que ela apresenta quando há variações nesses determinantes. Acredita-se, portanto, que a relação entre preço e quantidade demandada é inversa, ou seja, se o preço dos bens e serviços turísticos aumentam no país receptor, a quantidade demandada desses bens e serviços tende a

diminuir. No caso de um aumento na renda do país emissor há uma relação direta à demanda, isto é, quando a renda aumenta a demanda provavelmente aumentará também. Por fim, há uma relação positiva entre o aumento do preço dos bens e serviços nos destinos substitutos e o incremento da demanda do país receptor – os substitutos, nesse caso, são os bens e serviços de destinos alternativos em relação ao país analisado.

Neste trabalho consideraremos o preço relativo como variável explicativa e que a taxa de câmbio real, é uma aproximação do mesmo:

$$\text{CAMR} = \frac{\text{taxa nominal} * \text{CPI}}{\text{IPCA}}$$

- *Taxa nominal*: é quantos reais necessitamos para comprar um dólar e quantos pesos argentinos necessitam para comprar um dólar;
- *CPI*: é o índice de preços dos Estados Unidos;
- *IGP-DI*: é o índice geral de preços do Brasil.

Calculados o câmbio real para o real brasileiro e para o peso argentino em relação ao dólar e dividindo essas taxas, encontraremos a taxa real de câmbio entre o real e o peso. O cálculo de maneira indireta foi utilizado porque os dados disponíveis do câmbio nominal real/peso não estavam disponíveis no Banco Central do Brasil (BCB) para todo o período de estudo.

Como já foi observado, no caso de uma depreciação real da moeda brasileira, um peso comprará mais reais e, por conseguinte, os bens e serviços turísticos se tornarão mais baratos para os turistas argentinos, fazendo crescer a demanda por eles. Além da taxa de câmbio oficial, vale a pena observar o spread do câmbio paralelo principalmente para o período anterior a 1990. Isso pela taxa de câmbio desse período ter sido bastante controlada, o que levava a uma forte atividade no mercado paralelo onde o ágio era mais favorável para quem vendesse moeda. Com o spread do câmbio paralelo, as receitas das viagens internacionais tendiam a ser subestimadas e isso justifica a relação inversa entre essas variáveis. (MEURER, 2006).

A fim de complementar a análise dos determinantes da demanda turística, apresentaremos outra classificação dos fatores que influenciam a mesma. Rabahy (1990) considera três grupos de fatores, que contém aspectos mais gerais e subjetivos da escolha

por um determinado destino. Os três grupos são: os fatores naturais, culturais e psicosociais; os fatores técnicos; e os fatores sócio-econômicos. O primeiro grupo abrange os atrativos naturais e culturais do lugar de destino. Já o segundo grupo abarca os mecanismos institucionais de intervenção, a infra-estrutura urbana e turística disponível e a qualidade dos operadores turísticos no país receptivo. Por fim, no terceiro grupo temos as características populacionais dos países emissores e receptores (distribuição etária, tamanho da população, etc.); características econômicas de ambos os países e os possíveis destinos alternativos (níveis de preço e câmbio relativos entre os países, inclusive o destino alternativo, e distribuição de renda principalmente dos emissores); e nível de industrialização, ciclos de negócios e tempo livre para o lazer nos centros emissores.

Pode-se notar, portanto, que a demanda por turismo contém uma série de determinantes que, em especial no Brasil, apresentam dificuldades de mensuração. Neste trabalho analisaremos a possível influência dos determinantes macroeconômicos frente à demanda por turismo, dando ênfase à renda do país emissor, à taxa de câmbio real e o impacto disso nas receitas do turismo em Santa Catarina. Esses são considerados aspectos de curto prazo, uma vez que variáveis que levam em conta os determinantes estruturais (infra-estrutura, qualidade de operadores, características populacionais, etc.) são as de longo prazo, que requerem muito tempo para apresentar grandes mudanças.

Os dados utilizados na pesquisa são provenientes de várias fontes e sofreram alguns tratamentos para viabilizar a análise. A variação real do PIB argentino foi obtida no Banco Central do Brasil (www.bcb.gov.br), assim como o IPCA (índice de preços ao consumidor, utilizados para deflacionar os dados). A taxa de câmbio nominal peso argentino/dólar foi obtida no Ipeadata (www.ipeadata.gov.br) e o IPC argentino no Ministério da Economía y Producción da Argentina (www.mecon.gov.ar) e no International Financial Statistics (<http://ifs.apdi.net/imf>), complementando também os dados referentes ao crescimento real do PIB argentino. A taxa de câmbio nominal real/dólar e o câmbio paralelo - utilizado para calcular o spread paralelo através da diferença percentual entre o câmbio paralelo e o câmbio oficial -, também se encontram no Ipeadata.

Quanto à receita total gerada pelas viagens foram coletados dados na Santur (de gasto médio diário por turistas, permanência média de turistas no estado, e número de turistas; que quando multiplicados resultam na receita total) e a partir disso esses valores

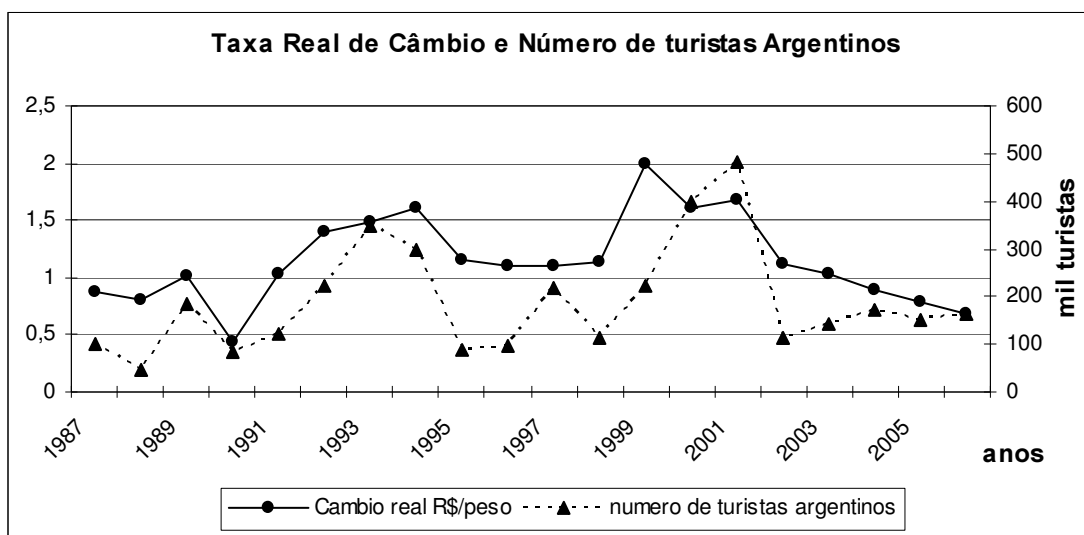
foram convertidos em reais, por causa das várias mudanças de moedas do Brasil, e depreciados pelo IPCA resultando na receita total real.

Cabe ressaltar que as taxas nominais e real de câmbio foram calculadas a partir de dados mensais, considerando a média entre janeiro e fevereiro, datas das pesquisas realizadas pela Santur. A taxa real de câmbio para dezembro também foi verificada, pois havia a possibilidade de a decisão dos viajantes ser influenciada por ela. No entanto, usaremos os resultados encontrados para a média dos meses de janeiro e fevereiro, os quais foram mais significativos.

3. Análise dos dados

A análise dos dados do gráfico 1 mostra que a relação entre taxa real de câmbio, ou seja, preços relativos e taxa nominal de câmbio, reflete o resultado esperado. Nos períodos de desvalorização a entrada de turistas aumenta e dá um forte salto em 1999, ano em que o real se desvaloriza perante o dólar e a economia argentina, desde 1991, aproveita-se da crescente entrada de dólares no país oriunda do regime de conversibilidade em relação ao dólar do plano de Cavallo. A taxa real de câmbio entre 1995 e 1999 apresenta certa constância porque nesses anos o Brasil fixa sua taxa de câmbio em relação ao dólar (1 para 1) e por isso o movimento de turistas tende a ser explicado por outros fatores que não o câmbio – que veremos mais adiante.

Gráfico 1

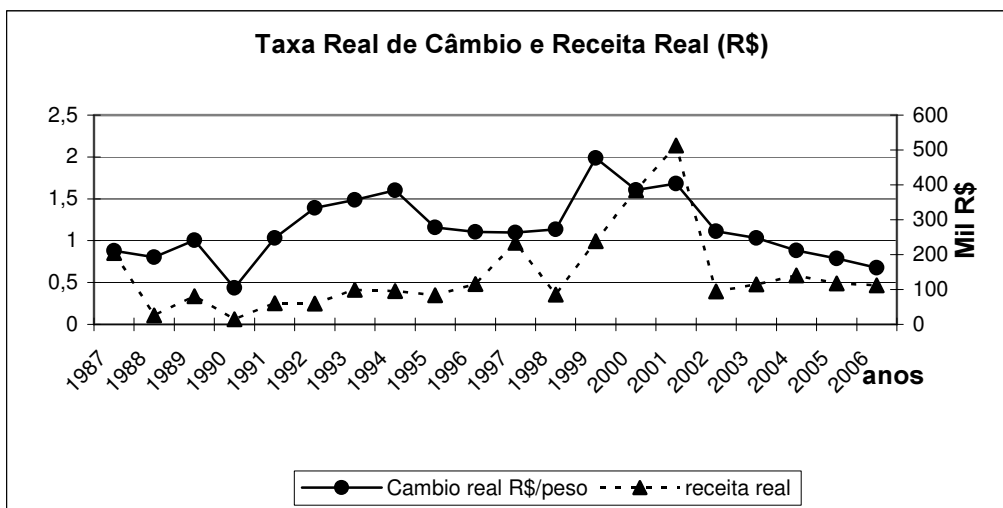


Fonte: BCB/ IPEADATA

Com a desvalorização do real em perante o dólar e a manutenção do regime de conversibilidade da Argentina até 2001 há um salto tanto na taxa real de câmbio como no número de viajantes, o que significa que os bens e serviços do Brasil se tornaram mais baratos para os turistas argentinos e por isso o fluxo para o país aumentou. A partir do fim do regime de conversibilidade argentino há uma valorização do real e isso ajuda a explicar a queda no número de viajantes.

No gráfico 2 podemos observar os efeitos dos movimentos de valorização e desvalorização do câmbio real sobre as receitas totais geradas. As relações esperadas também parecem se cumprir, uma vez que com as desvalorizações da moeda brasileira e do aumento da entrada de turistas no país a receita real também aumenta.

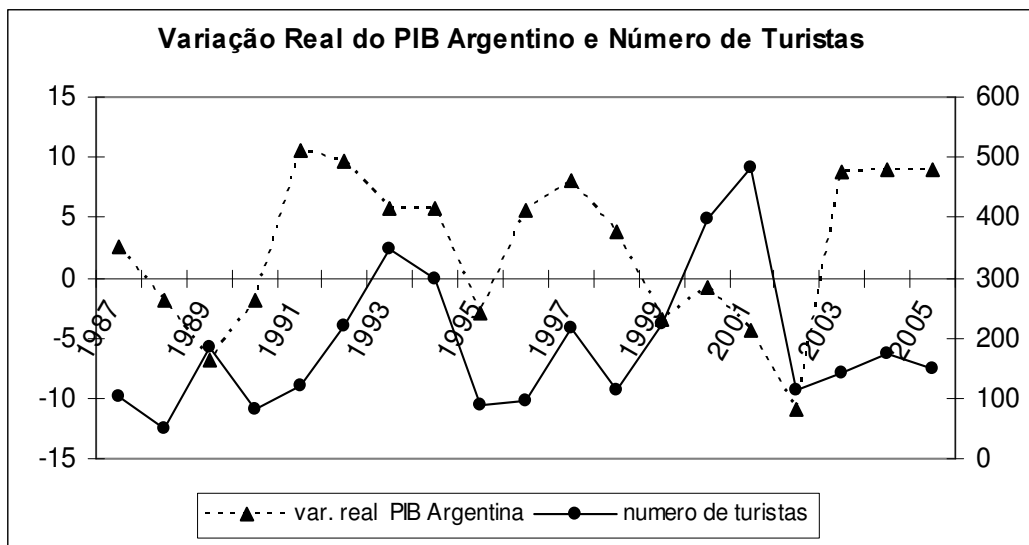
Gráfico 2



Fonte: BCB/ IPEADATA

Através da observação do gráfico 3 podemos complementar nossa análise sobre a entrada de turistas no país, pois ele relaciona a o crescimento real do PIB argentino e o número de viajantes para o Brasil.

Gráfico 3



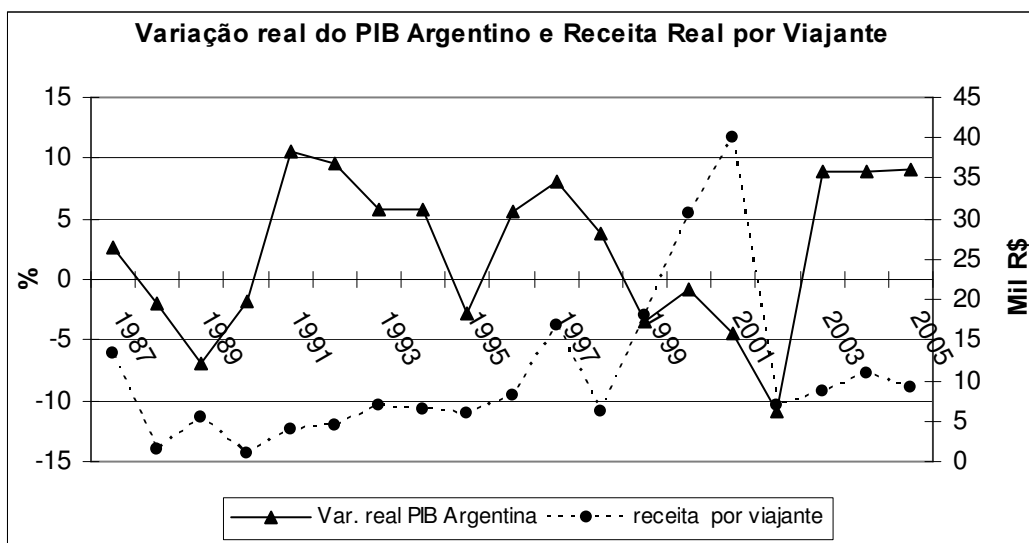
Fonte: BCB/ IPEADATA

A relação positiva esperada entre o crescimento do PIB e o número de viajantes é observada em praticamente todos os anos. No entanto, o aumento abrupto do número de viajantes a partir do final de 1998 mesmo com baixo crescimento pode ser entendido se observamos novamente o gráfico 1. Verificamos que esse período coincide com o aumento da taxa real de câmbio, que apresenta uma relação positiva com o número de viajantes também significativa, e que a influência do câmbio se sobrepõe à influência da queda do produto.

O período do final de 1996 até o final de 1997, que se apresenta como discrepante no gráfico do câmbio real - onde o câmbio não tem variações significativas enquanto o número de viajantes cresce -, pode ser justificado pelo bom desempenho da economia argentina, que sai de uma variação negativa do produto real de -2,85% para taxas de crescimento de 5,53 e 8,11 em 1996 e 1997 respectivamente. Da mesma forma, a queda no número de viajantes entre 1994 e 1995 também se explica pela retração econômica do período. No período de 1999 até 2001, mesmo com a recessão argentina o número de turistas se mantinha crescente - isso por que, como já vimos, a taxa de câmbio real R\$/\$(arg) havia se desvalorizado. No entanto, no final de 2001, há uma forte crise da economia argentina fazendo com que o produto despencasse e o regime de conversibilidade caísse. Nesse momento, tanto as receitas quanto o número de viajantes caem abruptamente decorrente desses dois fatores, que até então andavam separados.

Esses movimentos também se refletem na comparação entre a variação real do PIB e a receita real por viajante, ilustradas no gráfico 4. Podemos verificar que a receita por viajante acompanha positivamente as variações do PIB, a não ser no período a partir de 1999, possivelmente pelos mesmos motivos da receita total.

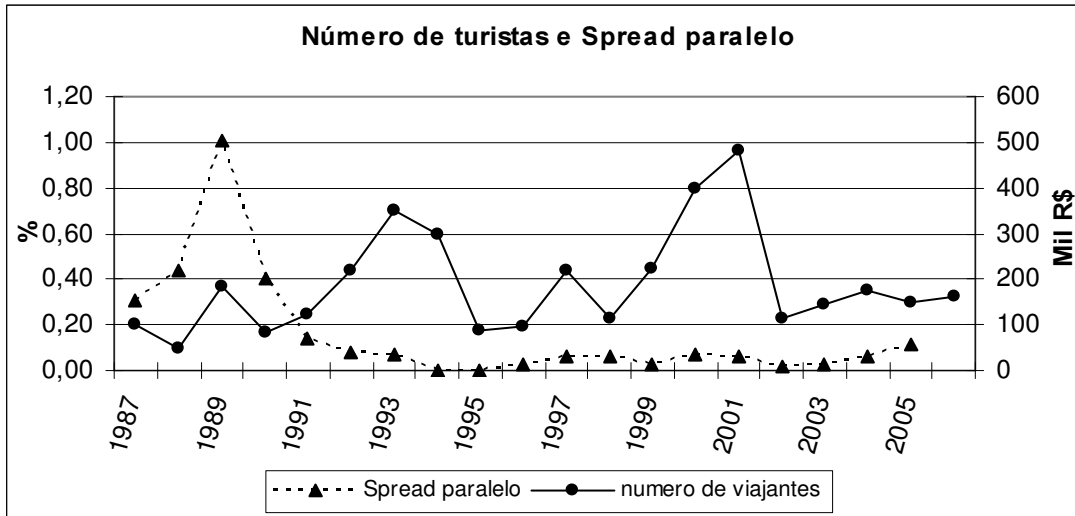
Gráfico 4



Fonte: BCB/ IPEADATA

Para concluir a análise é importante verificar se há relação entre o spread paralelo e o número de viajantes. O que se espera é que: quanto maior o spread, mais pessoas viaam para o Brasil, uma vez que a moeda estrangeira compraria mais reais do que se o spread fosse menor. O gráfico 5 ilustra essa questão:

Gráfico 5



Fonte: BCB/ IPEADATA

Não se observa uma relação forte entre essas duas variáveis, mesmo porque, a partir de 1989, com uma maior liberalização do mercado de câmbio, o spread apresenta níveis bastante baixos.

4. Considerações Finais

Através da observação dos dados coletados para este trabalho podemos dizer, a princípio – pois posteriormente seria interessante analisar os coeficientes de correlação entre as variáveis para confirmar os resultados e aplicar um modelo econométricos para apurar tais resultados –, que as variáveis macroeconômicas, taxa real de câmbio e variação real do PIB argentino, influenciam a entrada de turistas no país e a geração de receitas dessa atividade como o esperado no plano teórico.

O mercado cambial, em especial, explica boa parte do movimento de turistas para o estado, assim como os regimes cambiais adotados por ambos os países durante o período analisado. Ao levarmos em conta o desempenho da economia argentina também temos os resultados esperados, porém podemos perceber que suas variações não apresentam tanto impacto quanto as variações na taxa real de câmbio.

Esse estudo e seu possível desenvolvimento são importantes não só para auxiliar o entendimento dessa questão no plano das ciências econômicas, como para auxiliar também no plano macroeconômico e planejamento governamental. Já na perspectiva

microeconômica, sua importância está atrelada à elaboração de uma análise de cenários alternativos capaz de entender o impacto da economia externa nos gastos dos viajantes dentro do estado, fortalecendo ainda mais essa atividade e contribuindo para o desenvolvimento do estado.

Referências

VARISCO, C. Consideraciones Metodológicas para el Estudio de las Variables Económicas que Inciden en la Demanda Turística. **Turismo em Análise**: São Paulo. v. 14, n. 2, p. 53-66, nov.2003.

LIM, C. Review of International Tourism Demand Models. **Annals of Tourism Research**, vol. 24, no. 4, pp. 835–849. 1997.

RABAHY, W. Fundamentos Econômicos e Quantitativos no Planejamento turístico. **Turismo em Análise**. V.1, n.1, maio 1990.

MEURER, R. . O Comportamento das Receitas de Viagens Internacionais no Brasil: Uma Explicação Macroeconômica. **Turismo em análise**, São Paulo, v. 17, n. Especial, p. 75-90, 2006.

Pesquisa de Demanda Turística do Estado de Santa Catarina (1986 – 2006). Santur.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. disponível em: <www.bcb.gov.br>. Acesso em: fev/2007.

IPEADATA. Disponível em: <www.ipeadata.gov.br>. Acesso em: fev/2007.

MINISTÉRIO DA ECONOMÍA Y PRODUCCIÓN. Disponível em: <www.mecon.gov.ar> Acesso em: fev/2007.

INTERNATIONAL FINANCES STATISTIC. Disponível em:<<http://ifs.apdi.net/imf>>. Acesso em: fev/2007.